

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

A PROBLEMÁTICA DO *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR

Autora: TATIANE DOS SANTOS ROCHA

Orientadora: Prof^a. Ms. SOLANGE RAQUEL WEBER

JUÍNA – MT

2010

**AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS**

A PROBLEMÁTICA DO *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR

Autora: TATIANE DOS SANTOS ROCHA

Orientadora: Prof^a. Ms.SOLANGE RAQUEL WEBER

“Trabalho apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas.”

JUÍNA - MT

2010

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ms. Juliana Porciúncula

Prof. Ms. Rafael Eisinger Guimarães

ORIENTADORA

Prof^a.Ms. Solange Raquel Weber

Dedico este trabalho aos meus pais e à minha irmã que sempre estiveram presentes e me deram apoio para alcançar este objetivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força para concluir essa etapa em minha vida.

Aos meus pais Reginaldo e Rosalina pela educação, pelo amor, pela confiança, pelo incentivo, pelos bons exemplos de personalidade, enfim, por tudo o que fizeram e fazem por mim.

À minha querida irmã Rosimeire que me deu todo o apoio possível para que eu pudesse buscar esse objetivo.

Aos meus colegas e amigos que me ajudaram em vários momentos dessa caminhada. Muitos deles serão para sempre lembrados.

À alguém que se tornou especial em minha vida, pelo amor, carinho e compreensão.

À minha orientadora Prof^a. Ms. Solange que me conduziu para a concretização dessa conquista.

Meus sinceros agradecimentos!

“A intolerância, a ausência de parâmetros que orientam a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida.”

(CLEO FANTE)

RESUMO

O presente trabalho apresenta o *bullying* como um fenômeno que tem se tornado frequente no meio escolar, sendo caracterizado por atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem causa aparente entre os alunos numa relação desigual de poder, com a intenção de causar sofrimento e humilhação às vítimas. Este estudo foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica. Os achados empíricos revelam que existe um perfil de vítima, agressor e espectadores e que esse comportamento pode gerar consequências físicas e psicológicas para os envolvidos. Todas as entidades escolares estão sujeitas a ter casos de *bullying* entre seus alunos, pois o fenômeno não depende de classe social. O *bullying* pode decorrer de diversos fatores, sendo que as relações afetivas têm grande contribuição para sua ocorrência. Consideramos necessário que os profissionais da educação tenham conhecimento do fenômeno *bullying*, para assim identificarem casos existentes entre os alunos e oferecerem ajuda aos envolvidos.

Palavras-chave: *bullying*, contexto escolar, relações afetivas.

ABSTRACT

The present work presents the bullying as a phenomenon that has frequently in the school, being characterized by aggressive attitudes, intentional and repeated that happen causeless apparent among the students in an unequal relationship of being able to, with the intencion of causing suffering and humiliation to the victims. We will present the characteristics of those involved, - classified as aggressor, victim spectators - and the physical and psychological consequences that that behavior can generate. All the school entities are subject to have cases of bullying among your students, because the phenomenon doesn't depend on social class. The bullying can elapse of several factors, and the affective relationships have great value for your occurrence. We considered necessary that the professionals of the education have knowledge of the phenomenon bullying, for like this, they identify existent cases among your students and they offer help to those involved.

Wordkey: bullying, school context, affective filte.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| Capítulo I – Fenômeno <i>bullying</i> | 11 |
| 1.1 – Definições do termo..... | 11 |
| 1.2 – Um breve histórico sobre o <i>bullying</i> | 12 |
| 1.3 – O <i>bullying</i> e a escola | 13 |
| 1.4 – Violência e agressividade..... | 16 |
| Capítulo II – Envolvidos no fenômeno <i>bullying</i> | 21 |
| 2.1 – Agressores ou <i>bullies</i> | 21 |
| 2.2 – Vítimas ou alvos | 22 |
| 2.3 – Espectadores ou testemunhas | 24 |
| Capítulo III – A importância do filtro afetivo nas relações do contexto escolar..... | 26 |
| 3.1 – Fatores determinantes do comportamento <i>bullying</i> | 30 |
| 3.1.1 – Fatores externos ao contexto escolar..... | 30 |
| 3.1.2 – Fatores internos ao contexto escolar..... | 32 |
| Considerações finais | 35 |
| Recomendações | 36 |
| Referências bibliográficas | 37 |

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda a problemática do *bullying* no contexto escolar. A realidade escolar está marcada por casos de comportamentos agressivos e violentos entre os alunos. Alunos que de forma intencional, sem motivo evidente e, muitas vezes, oculta, repetidamente agridem, humilham, ofendem, ridicularizam outros alunos com o intuito de fazer a vítima sofrer e ser excluída de seu grupo social.

A partir desse estudo pretendemos conscientizar a comunidade escolar de que a prática de *bullying* é constante entre muitos estudantes e que esse comportamento pode causar consequências negativas para todos envolvidos.

Desenvolvemos como metodologia uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Há de se destacar que o assunto é relativamente recente e, com isso, há pouco referencial teórico e estudos sobre o mesmo. Os principais autores analisados nessa pesquisa foram Cleo Fante e Gabriel Chalita. A falta de divulgação e de conhecimento acerca desta problemática no contexto escolar é uma das fragilidades identificadas nesta pesquisa.

Esta pesquisa justifica-se por contribuir com a comunidade escolar, pois trata da realidade que está presente entre os alunos. Assim, colabora com os futuros professores de todas as áreas da educação, que precisam ter conhecimento do problema, para identificá-lo e lidar com ele; coopera também com as famílias dos envolvidos com o *bullying*, para que possam questionar junto à escola a fim de solucionar essa prática. Enfim, colabora com a sociedade em geral, por se tratar de um tema recente e desconhecido para muitas pessoas.

A estrutura deste estudo está distribuída em três capítulos para facilitar a compreensão do tema principal, como segue abaixo.

No primeiro capítulo apresentaremos as definições e o histórico do termo *bullying*; faremos uma relação do *bullying* com a escola; mostraremos a distinção entre os comportamentos agressivos e a indisciplina, pois ambos são confundidos por muitos educadores.

No segundo capítulo definiremos as características dos envolvidos no fenômeno *bullying* - classificados como agressor, vítima e espectadores - e as principais consequências que o fenômeno pode gerar.

No terceiro capítulo abordaremos a importância da amizade para as relações no contexto escolar. A criança que tem um bom relacionamento familiar tem maior possibilidade de ter boas relações escolares. Nesse sentido mostraremos que a agressividade entre os alunos resulta não só das próprias relações escolares, ela pode ser determinada por fatores internos e externos ao contexto escolar.

Capítulo I

Fenômeno *bullying*

1.1 - Definições do termo

A palavra *bullying* tem origem inglesa e, segundo Cleo Fante (2005, p.27), é “adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão.” Portanto, o termo é caracterizado por comportamentos agressivos e antissociais, utilizado em estudos sobre a violência nas escolas.

O fenômeno *bullying* tem sido objeto de estudos nacionais e internacionais nas últimas décadas. Porém, pesquisadores têm dificuldade em encontrar termos que definam precisamente a palavra *bullying*. O termo *bullying* apresenta vários conceitos, no entanto, a definição universal apresenta que:

[...] *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotada por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações, que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações de comportamento *bullying* (FANTE, 2005, p. 28 – 29).

Conforme a autora, a terminologia *bullying* foi adotada no Brasil, assim como na maioria dos países. Fante (2005, p.28) afirma que “*Bully*, enquanto nome, é traduzido como valentão, tirano, e como verbo, brutalizar, tiranizar, amedrontar”. Assim, o *bullying* é definido como “um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder”. Essa relação desigual de poder é encontrada nas vítimas que têm dificuldade em se defender das agressões, por motivos como: menor porte físico, pouca disposição de defesa, pouca flexibilidade psicológica.

Nesse sentido, Aramis A. Lopes Neto (2005, p. 165) acrescenta que “essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico e emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes”.

O *bullying* é considerado por Fante (2005, p.29) como um fenômeno novo, por estar sendo estudado nas últimas décadas e despertar a atenção da sociedade para as consequências que o mesmo pode gerar, por meio das atitudes agressivas e perversas tomadas de forma oculta no ambiente escolar. Por outro lado, essa forma de violência, que hoje é definida como *bullying*, sempre existiu nas escolas e passou despercebida aos olhos de muitos educadores; o que leva o fenômeno a ser considerado, também, como bastante antigo.

Lopes Neto (2005, p. 165) considera que esses comportamentos agressivos gerados nas escolas são, muitas vezes, considerados como naturais e, portanto, professores e pais, simplesmente os ignoram, não lhes dando a merecida atenção.

1.2 – Um breve histórico sobre o *bullying*

De acordo com Fante (2005, p.44), o *bullying* é um fenômeno que acompanha a escola desde o início da história da alfabetização. Até a década de 1970 não houve praticamente nenhum interesse em se estudar essa problemática, apesar de muitos educadores saberem da sua existência em seu meio. Somente a partir dessa década foi que surgiu na Suécia um forte interesse por parte da sociedade em analisar as consequências do fenômeno entre vítima e agressor.

Segundo a autora, na Noruega, pais e professores tinham preocupação quanto à problemática do *bullying*, mas não tinham apoio por parte das autoridades educacionais. Somente quando ocorreram casos de suicídio de jovens, resultantes de situações de *bullying*, foi que a população se preocupou com o problema. Para tanto, o Ministério da Educação da Noruega criou uma campanha nacional contra o fenômeno em 1983.

Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo. Olweus pesquisou inicialmente cerca de 84 mil estudantes, trezentos a quatrocentos professores e em torno de mil pais, incluindo vários períodos de ensino. Um fator fundamental para a pesquisa foi avaliar a sua natureza e ocorrência. Esse estudo constatou que, a cada sete alunos, um estava envolvido em casos de *bullying*. Essa situação originou uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de *bullying* nas escolas; tal fato incentivou outros países, como Reino Unido, Canadá e Portugal, a promoverem campanhas de intervenção (FANTE, 2005, p. 45)

Para Fante (2005, p.45) essa campanha de intervenção ao *bullying* realizada por Olweus visava criar nas escolas regras contra esse comportamento, de modo que envolvesse todos da comunidade escolar de maneira ativa, conscientizando-os sobre as consequências do fenômeno, para assim, conseguir apoio para as vítimas e a significativa redução de casos.

A partir de Fante, entendemos que o fenômeno *bullying* tem sido objeto de estudo dos pesquisadores de todo o mundo. Por meio das pesquisas é possível apontar o crescimento de incidência do mesmo que, muitas vezes, atinge crianças desde as séries iniciais. “Calcula-se que em torno de 5% a 35% de crianças em idade escolar estão envolvidas, de alguma forma, em condutas agressivas na escola, atuando como vítimas ou agressoras” (FANTE, 2005, p.46).

Conforme a autora, se tomarmos como base os dados estatísticos obtidos em vários países, podemos considerar que o fenômeno se faz presente em todas as escolas mundiais. No entanto, não é possível comparar a situação do *bullying* no Brasil com os demais países, pois, como o assunto ainda é pouco estudado no país, não há dados que forneçam uma visão global. No que se refere aos estudos e tratamento desse comportamento, o Brasil está quase duas décadas em atraso em relação aos países europeus, fato que torna mais preocupante a situação (FANTE, 2005, p.46)

1.3 - O *bullying* e a escola

Segundo Fante (2005, p.47), com base nos estudos do professor Dan Olweus, é comum haver conflitos entre os alunos na classe. Esses comportamentos, por vezes agressivos, são provocados com a intenção do agressor em se divertir, se autoafirmar e mostrar sua superioridade. Esses comportamentos agressivos interferem nas atividades dos alunos, gerando interações violentas. O agressor sente necessidade em amedrontar e ameaçar por meio da imposição; quando suas intenções são frustradas, pode haver reações intensas. Como, geralmente, os agressores têm mais força física, eles podem ter reações agressivas nas situações de conflito. A autora acrescenta que

[...] se há na classe um aluno que apresenta características psicológicas como ansiedade, insegurança, passividade, timidez, dificuldade de impor-se e de ser agressivo e com frequência se mostra fisicamente indefeso, do tipo bode expiatório, ele logo será descoberto pelo agressor (FANTE, 2005 p.48).

De acordo com Fante (2005, p.18) o agressor não teme em atacar o aluno que possui essas características psicológicas, pois ele sabe que essa vítima não vai conseguir se defender sozinho quando atacada e que ela não procurará a ajuda de ninguém. O aluno agressor procura se unir a outros alunos formando grupos (“ganges”) para atacar o bode expiatório escolhido pelo grupo. A vítima “tem em sua aparência, em sua forma de vestir ou em suas maneiras e trejeitos algo que demonstre que é presa fácil para seus ataques” (FANTE, 2005, p. 48). O agressor sempre encontra alguma estratégia para se safar da punição de seus atos quando estes lhe trazem alguma consequência.

Por intermédio de Fante (2005, p.49) entendemos que muitas vezes os professores não percebem os ataques à vítima ou não estão por perto quando eles acontecem. Na maioria das vezes, a vítima sofre calada, pois não comenta a situação com os professores ou com os pais. A vítima de *bullying*, por vezes, acredita merecer os ataques recebidos e não ter valor algum, assim, aos poucos, ela vai se isolando dos demais alunos e perdendo sua reputação devido às gozações sofridas. Os outros alunos se afastam da vítima das agressões por medo de também terem sua reputação ameaçada ou por temerem ser a próxima vítima.

Diante dessa situação da vítima,

[...] restam-lhe, assim, somente três alternativas: evadir-se da escola, carregando consigo as consequências do fenômeno; suportar calada os ataques recebidos, diminuindo ainda mais sua autoestima já bastante fragilizada e intensificando seu rancor em relação aos colegas e à própria escola; ou se converter em caça-vítimas, reproduzindo nos outros colegas os maus-tratos e a violência sofrida, transformando-se em vítima agressora e disseminando, com isso, ainda mais o fenômeno (FANTE, 2005, p.71).

A autora afirma, por meio dos estudos de Olweus, que o espaço mais favorável para os casos de *bullying* é no interior da escola. Ela aponta algumas características dos atos de *bullying* entre os alunos:

[...] são comportamentos produzidos de forma repetitiva num período prolongado de tempo contra uma mesma vítima; apresentam uma relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ocorrem sem motivações evidentes; são comportamentos deliberados e danosos (FANTE, 2005, p.49).

Percebemos que esses comportamentos tomados continuamente contra a vítima tomam maior força devido à relação desigual de poder. A vítima teme em reagir por medo de sofrer danos ainda maiores por parte dos agressores. Os comportamentos de *bullying*, na maioria das vezes, geram consequências negativas para a vítima.

Conforme Lopes Neto (2005, p. 166) as formas de ocorrência do comportamento *bullying* podem ser: direta e indireta, podendo ambas trazer grandes consequências psíquicas à vítima. São considerados *bullying* direto os ataques realizados contra as vítimas por meio de apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais, expressões e gestos. Esses atos ocorrem com maior frequência entre os meninos. Compreende a forma de *bullying* indireto, as atitudes de indiferença, isolamento, difamação, entre outras; ocorrem com maior frequência entre as meninas. Fante (2005, p. 50) acrescenta que as atitudes que compreendem a forma de *bullying* indireto visam “à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social”.

Não bastando somente o contato pessoal, há também o *ciberbullying*, que é uma nova forma de *bullying* que está ocorrendo com bastante frequência e se alastrando por todo o mundo. Segundo Lopes Neto (2005, p. 166) o *ciberbullying* ocorre por meio da tecnologia da comunicação, assim, os agressores usam de celulares e internet para enviar mensagens, emails, fotos, entre outros recursos, para difamar, ameaçar, agredir, enfim, causar algum dano à vítima.

Contudo, a forma mais comum de agressão pessoal, o *bullying*, independe de classe social. Conforme Fante (2005, p.66) o fenômeno está presente não só em “escolas públicas das zonas periféricas das grandes cidades, onde a violência, o tráfico e o consumo de drogas se integram à vida dos habitantes”, mas também, em escolas particulares e em cidades pequenas são grandes os índices de sua incidência.

Estudos realizados em universidades de Portugal, segundo Fante (2005, p.67), apontam que o lugar da escola onde o *bullying* ocorre com maior frequência é o pátio do recreio, por ser um espaço onde, geralmente, ninguém fica responsável por cuidar. Essa mesma tendência ocorre na maioria dos países. Todavia, no Brasil, estudos realizados pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) em escolas do Rio de Janeiro apontam a sala de aula como o lugar de maior índice de incidência das condutas *bullying*.

Considerando Fante (2005, p. 67), esse dado apontado pelos estudos da ABRAPIA pode estar relacionado à falta de conhecimento do assunto por parte dos professores, que não sabem diferenciar as condutas de *bullying* das brincadeiras comuns à idade dos alunos. Conforme a autora, nos cursos de formação acadêmica e de capacitação, geralmente, os professores são treinados para o ensino das disciplinas, não havendo preocupação em preparar o profissional para lidar com o lado afetivo e sentimental dos alunos, tampouco, com os conflitos gerados entre eles. Os professores deveriam estar capacitados para “educar a emoção dos seus alunos”, pois assim estariam colaborando “para fazer da escola o melhor lugar do mundo, propício para o estudo e para o trabalho” (FANTE, 2005, p.68).

Muitos professores não conseguem lidar com as situações de violência que ocorrem em sala de aula e, tentando controlar a situação, acabam adotando uma postura de autoritarismo e intimidação, tornando-se agressores de seus alunos. Esse tipo de comportamento poderá servir de exemplo para eles, que poderão reproduzir essas condutas agressivas com os demais alunos. Fante cita algumas situações que presenciou no horário do recreio entre alunos de algumas escolas:

[...] tivemos algumas vezes, a sensação de estar em um campo de batalha. De um lado, um único e solitário “soldado”; do outro, centenas de inimigos descontrolados. Essa é a cena cotidiana dos recreios na maioria das escolas [...] empurrões, insultos e agressões físicas, além de palavrões, e sinais que demonstravam falta de respeito, de consideração e de cooperação entre eles. [...] Acreditamos que o egoísmo, a falta de habilidade para negociar a satisfação de seus desejos, a falta de atividades interativas entre eles e de opção de lazer determinavam toda essa rebeldia e toda essa agressividade, que, não encontrando outra via de expressão, eram deslocados para o comportamento violento, manifestado especialmente contra os mais frágeis (FANTE, 2005, p.69)

Dessa forma, verificamos que os comportamentos agressivos fazem parte da realidade da maioria das escolas. Esses comportamentos podem ser o resultado de uma situação de insatisfação do agressor ou devido à falta de práticas educativas e criativas por parte da escola. Toda essa insatisfação transforma-se em violência dos mais fortes sobre os mais fracos.

1.4 - Violência e agressividade

Os termos violência e agressividade apresentam diferentes definições. Fante (2005) esclarece que, a partir de outros autores, podemos dizer que

[...] o termo violência é complexo e polissêmico, isto é, apresenta diferentes sentidos, e o seu significado se define a partir do seu contexto formador - social, econômico ou cultural - , de acordo com o sistema de valores adotados por cada sociedade e levando em consideração o seu nível de tolerância para com a violência (FANTE, 2005, p.154).

Conforme a autora, “a catedrática de psicologia evolutiva e da educação, da Universidade de Sevilha, Espanha, Rosário Ortega, considera a violência uma agressividade gratuita e cruel, que denigre e dana tanto o agressor como a vítima”. (FANTE, 2005, p. 155)

De acordo com Fante (2005, p. 155)

[...] pode-se dizer que há violência quando alguém, voluntariamente, usa da força para obrigar uma pessoa ou grupo a agir de forma contrária à sua vontade, ou quando alguém é impedido de agir de acordo com a sua própria intenção, ou, ainda, quando é privado de um bem.

Verificamos, dessa forma, que a violência é a ação de um indivíduo em desfavor do outro. Seja pela imposição por meio da força física, seja pela privação de algo.

Jacobo Waiselfisz afirma que

[...] os atos de violência apresentam-se hoje na consciência social não apenas como crimes, homicídios, roubos ou delinquência, mas nas relações familiares, nas relações de gênero, na escola e nos diversos aspectos da vida social (WAISELFISZ apud FANTE, 2005, p.156)

Nesse sentido, podemos entender que o autor considera como violência, não só os maus tratos físicos, mas também os casos de humilhação, exclusão e desrespeito com alguém, que são muito intensos no contexto escolar.

Conforme Fante (2005, p.156) “o termo agressividade também é polissêmico, sendo empregado em diversas situações e com sentidos diferentes”. As terminologias agressão e agressividade são, normalmente, empregadas como sinônimas, porém, ela afirma que há diferença entre essas terminologias. Para esclarecer, a autora cita as definições dadas pela Associação Norte-Americana de Psiquiatria:

[...] a agressão se define como um comportamento repetitivo e persistente, que, na confrontação com a vítima, viola seus direitos. O termo agressividade é utilizado cotidianamente nas mais diversas partes do mundo, seja para expressar violência, seja para expressar coragem (FANTE, 2005, p. 156 – 157).

Por exemplo, podemos considerar agressivo o esforço de uma pessoa em um jogo de futebol, em que ela tem o espírito de competir; ou a coragem que um peão tem de montar em um boi bravo; por outro lado é considerada agressiva a pessoa que fere ou que mata a outra.

A partir das várias definições, Fante (2005, p. 157) define que violência é “[...] todo ato, praticado de forma consciente ou inconsciente, que fere, magoa, constrange ou causa dano a qualquer membro da espécie humana”.

Dessa forma, podemos dizer que os termos apresentados têm uma ligação entre si e, ambos, são encontrados entre os comportamentos de alunos, assim,

É imprescindível que o profissional de educação, ao qualificar qualquer aluno como violento ou agressivo, considere os inúmeros fatores que recaem sobre suas relações interpessoais. Certas ocorrências existentes entre os alunos, consideradas como “problemas de indisciplina” ou “brincadeiras próprias da idade”, podem na verdade ser fonte causadora de sofrimento a muitos alunos (FANTE, 2005, p.157)

Sabemos, entretanto, que os educadores muitas vezes não sabem diferenciar essas ocorrências, muito menos as consequências que as mesmas podem gerar e simplesmente deixam esses problemas passarem despercebidos.

Conforme Fante (2005, p.157 – 158), os comportamentos agressivos ou violentos podem gerar nas vítimas sentimentos “de medo, vergonha, raiva e impotência que rebaixam a autoestima”; esses sentimentos, quando percorrem por um longo período de tempo, podem levar a vítima ao

[...] estresse, acompanhado de sintomatologias psicossomáticas como dor cabeça, tonturas, [...] nervosismo, agitação, cansaço, insônia, sonolência, pesadelos e outras reações; além de transtornos psicológicos graves que poderão eclodir a qualquer momento da vida sob as mais variadas formas de violência (FANTE, 2005, p.158).

A autora considera inaceitável que, diante do avanço tecnológico que vivenciamos, um aluno torne-se infeliz e sofra as consequências causadas pela violência. Os profissionais da educação devem ser responsáveis por identificar os casos de violência velada entre os alunos e oferecer ajuda a eles. Como assinala o exemplo a seguir apresentado por Weber (2010), que ressalta a vivência do conflito de *bullying* na escola. O caso ocorreu em uma turma sua de primeira série do ensino fundamental, em que a maioria dos alunos tinha 7 anos

Tem o Émerson de 13 (repetente), a Dora que tem 11(repetente), as gêmeas que tem 08. O Emerson, estava há muitos anos na primeira série, e vinha com a seguinte história de vidas: com três anos de idade ficara perdido por duas noites na mata e caíra num poço, falava, mas pouco. Escrevia? Nada! Era o bobo da corte, os colegas mandavam e ele, em sua inocência, fazia!; a Dora, era a filha mais velha de uma família de 09 filhos, tinha um apelido: Miss Sujona (que a professora anterior, da primeira série, havia lhe dado de presente), cada vez que a Dora fazia suas refeições na classe, era motivo para chacota e risadas por parte de seus colegas; Dora morava no interior, numa chácara; as gêmeas; a Ana Carina e a Ana Maria, a última era aquela que não sabia nada. Os alunos riam muito quando se perguntava algo para a Ana Maria e diziam: -“A gêmea não sabe nada!” Para contrapor, a Ana Carina sabia de tudo e estava sempre pronta para responder no lugar da irmã, não sentia compaixão, mas apresentava superioridade. (WEBER, 2010, p. 9)

Nessa história podemos perceber que os alunos descritos eram humilhados e alvo de gozações dos demais alunos. Percebemos também que o aluno que não sabia ler havia sofrido algum trauma na sua vida e o apelido de Dora foi dado pela própria professora do ano anterior, a gêmea que sabia ler sentia-se superior à irmã. Os demais alunos aproveitavam dessas diferenças para humilhar os colegas. Porém eles não sabiam da vida dessas crianças, nem dos problemas que elas tinham.

Às vezes os alunos que causam o *bullying* são vistos como alunos indisciplinados, porém, faz-se necessário distinguir os comportamentos violentos e os comportamentos que geram indisciplina.

De acordo com Fante (2005, p.158) é importante conhecer a diferença entre violência e indisciplina, pois muitas vezes, esses atos são confundidos pelos profissionais da educação. Assim, é preciso saber distinguir os comportamentos agressivos ou violentos das más relações entre alunos, visto que de existem semelhanças entre ambos.

As más relações são problemas mais generalizados, porém menos intensos, que surgem com a indisciplina ou como mau comportamento dos alunos. Não deixa de perturbar o bom andamento das atividades escolares, entretanto, não pode ser consideradas como violência. Os atos de indisciplina são comportamentos que vão contra as normas da escola e estão previstos no Regimento Interno Escolar. [...] Já os atos de violência ou agressividade dos alunos acontecem com grande frequência, porém nem sempre são identificados pelos professores e podem tomar a forma explícita ou velada (FANTE, 2005, p.158-159)

Podemos dizer que a indisciplina é mais comum no ambiente escolar, ela refere-se ao desrespeito às normas da escola e problemas relacionados à sala de au-

la. Enquanto os comportamentos violentos são problemas mais sérios, entre alunos, que devem ser tratados com atenção pela escola e pela família.

Consideramos imprescindível definir as formas de envolvimento no fenômeno *bullying* e suas principais características, conforme apresentaremos no capítulo que segue.

Capítulo II

Envolvidos no fenômeno *bullying*

Conforme Chalita (2008, p. 86), os envolvidos no *bullying* podem se apresentar de diversas formas, sendo importante identificá-las. Segundo o autor os participantes são classificados como “agressores ou *bullies*, vítimas ou alvos e espectadores ou testemunhas”. Também existem casos em que o aluno se apresenta como vítima e agressor ao mesmo tempo.

2.1 - Agressores ou *bullies*

Os agressores são, de acordo com Chalita (2008, p.86), alunos com popularidade entre os demais e que necessitam de vítimas para agir; que para impor autoridade sobre suas vítimas, recorrem à opressão e ameaça. Este tipo de pessoa sente satisfação em agir desta forma. Os agressores costumam contar com um grupo que lhe dá apoio e força em suas atitudes agressivas. Esses que lhe ajudam e estão ao seu redor também são considerados agressores.

Segundo Fante (2005, p.73) o agressor pode ser de ambos os sexos, da mesma idade ou mais velho que suas vítimas e, geralmente mais fortes que elas, o que lhe dá mais segurança para agir. O *bullie* não tem bom caráter, age por impulso, irrita-se com facilidade e não gosta de ter suas ações frustradas. Não gosta de obedecer normas, nem de ser contrariado. Costuma usar artimanhas para se sair bem nas avaliações ou em suas vitimações. Nos primeiros anos de escola, o agressor pode ter um bom rendimento, já nas séries seguintes, este papel que ele tem pode interferir negativamente em seu desempenho escolar.

Nesse sentido, Fante (2005, p.73), assim como Chalita (2008, p. 86), consideram que o agressor sente necessidade em dominar os outros. Ambos os autores acreditam que os agressores têm grande possibilidade de se envolver em condutas antissociais e de risco, como roubo, vandalismo, brigas, uso de drogas e álcool. Chalita (2008) acrescenta que esses jovens têm maiores chances de se tornarem adultos violentos e criminosos quando não são orientados adequadamente.

A partir de Chalita (2008, p. 86) apresentamos as maneiras como os *bullies* podem agir para com suas vítimas. Eles atingem suas vítimas, sem razão evidente, por meio da humilhação e intimidação, insultos, ameaças ou acusações. Danificam objetos das vítimas, costumam fazer boatos maldosos, também usam “tecnologias da informática para praticar o *cyberbullying* criando páginas falsas na internet sobre a vítima” (p.86). Essas atitudes, tomadas em uma relação desigual de poder, fortalecem ainda mais a ação dos *bullies* sobre suas vítimas, tornando-as reféns do medo.

De acordo com Fante (2005, p. 73), os agressores, geralmente, pertencem a famílias desestruturadas, em que a afetividade é pouca entre seus membros. Não recebem orientação adequada de seus pais ou responsáveis, que mostram, como exemplo para solução de problemas, as atitudes agressivas ou violentas.

Nesse aspecto, Chalita (2008, p.86) concorda com Fante (2005, p. 73) que o perfil familiar pode influenciar nos comportamentos agressivos das crianças e dos jovens, porém ressalta que esta não é uma conclusão definitiva. Assim, não se pode responsabilizar exclusivamente as famílias pela ocorrência de *bullying*. O autor assegura que

[...] a ausência do afeto e do acolhimento, no ambiente familiar ou escolar, é um fator que merece vigilância e intercessão. A ação do aluno tirano não se justifica isoladamente pela família empobrecida de afeto, ou pela escola omissa e depauperada de valores, nem, ainda, pelo grupo de amigos que fortalece e valoriza o agressor. A crueldade dos atos é fruto do somatório de todos esses componentes externos, que reforçam e nutrem tantos outros elementos internos, desencadeando a prática de atos agressivos contra outro ou outros (CHALITA, 2008, p. 87)

Assim, entendemos que as manifestações de *bullying* podem ser o resultado de diversos aspectos negativos, que se somam e levam o indivíduo ao desenvolvimento de comportamentos agressivos. Portanto, é fundamental que o indivíduo conviva em um ambiente agradável, tanto em casa, quanto na escola.

2.2 - Vítimas ou alvos

Conforme Chalita (2008), os indivíduos identificados como vítimas de *bullying* não possuem causa aparente que justifique sua escolha como o alvo desse comportamento. Alguns motivos podem levar os autores de *bullying* a escolherem suas vítimas tais como: “o comportamento, os hábitos, a maneira de se vestir, a falta de

habilidade em algum esporte, a deficiência física, ou aparência fora dos padrões de beleza impostos pelo grupo, o sotaque, a cegueira, a raça” (CHALITA, 2008, p. 87).

O autor afirma que as vítimas são, geralmente, pessoas que têm dificuldade em socializar-se. Outras características são a insegurança, o retraimento e a baixa auto-estima, o que leva essas vítimas a apresentarem dificuldade de se envolver e pertencer ao grupo em que convive. É comum que a vítima não procure ajuda quando agredida, às vezes, por temer vingança, ou por acreditar que merece sofrer as agressões. Com a falta de ajuda de alguém adulto, o sofrimento da vítima tende a aumentar. Essas vítimas permanecem caladas sofrendo os efeitos provocados pelas agressões. Aos poucos as vítimas começam a se isolar dos demais alunos.

De acordo com Chalita (2008, p. 88), os comportamentos de *bullying* geram consequências tanto externas quanto internas. A vítima perde o interesse em ir para a escola e ao convívio social. As consequências escolares vão aumentando de acordo com a intensidade com que a vítima sofre as agressões. A queda no rendimento escolar une-se a outros sintomas, como a vontade de autodestruir e vingar-se. Muitos jovens chegam à depressão. Dessas situações, resultam alguns casos de suicídio ou homicídio.

Nesse mesmo viés de compreensão, Fante (2005, p. 72) define esse perfil de vítima como vítima típica, acrescentando outras características à ela: a menor estatura física que os demais alunos; a insegurança de participar de esportes ou das brigas, pouca coordenação motora, principalmente entre os meninos; além de o sujeito apresentar-se tímido, passivo, submisso, ansioso, depressivo ou com aprendizagem deficiente. Muitas vítimas têm melhor relacionamento com os adultos do que com pessoas da sua idade. A vítima, normalmente, não costuma “impor-se ao grupo, tanto física como verbalmente, e tem conduta habitual não agressiva” (FANTE, 2005, p. 72), assim o agressor sente segurança em abusar, pois sabe que a vítima, se atacada, não terá capacidade de reagir.

A vítima agressora é definida por Chalita (2008, p.89) como aquele sujeito que ao mesmo tempo em que sofre as agressões, ele também tem comportamento agressivo com outro sujeito. Fante (2005, p. 72) acrescenta que a vítima agressora procura alguém mais fraco que ela pra reproduzir os maus tratos sofridos. Esse fato tem ocorrido com bastante frequência entre as vítimas, “fazendo com que o *bullying*

se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas” (FANTE, 2005, p.72)

Conforme Fante (2005, p.72) existe além da “vítima típica e vítima agressora, a vítima provocadora.” A vítima provocadora estimula o seu ataque, porém, ela tem deficiência pra lidar com as agressões causadas. Ela procura reagir aos ataques e insultos, mas essa reação, na maioria das vezes, é ineficiente. Essa vítima “pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora”; geralmente é uma pessoa “tola, imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra”.

2.3 - Espectadores ou testemunhas

Conforme Chalita (2008, p. 88), os espectadores ou testemunhas representam a maior parte dos estudantes. Eles presenciam os comportamentos agressivos e convivem com eles, procurando não se envolver. Os espectadores, assim como os agressores e as vítimas, são “[...] personagens desse pesadelo. Não interferem, não participam, mas também não acolhem a dor do outro, não defendem nem denunciam”. Segundo o autor, quando alguém procura de alguma forma, defender a vítima, há uma redução significativa nos casos de *bullying*.

Por intermédio de Chalita (2008, p. 88), entendemos que muitos espectadores consideram normal o comportamento *bullying*, provavelmente, “[...] acreditem que alunos considerados esquisitos ou diferentes mereçam ser ridicularizados por outros”. No entanto, há testemunhas que não consideram normal esse comportamento e se incomodam em estar em meio à violência, porém, ainda assim, não tomam nenhuma atitude diante da situação, por temer que os agressores, se acusados, vinguem-se de quem os acusou. Alguns espectadores têm a sensação de culpa por permanecerem omissos, mas fazem da omissão sua forma de se defender.

O medo torna covardes muitos deles, os quais, na vida adulta, podem se transformar em cidadãos egoístas, que aceitam e até legitimam as injustiças sociais, desde que não tenham suas vidas atingidas diretamente. Omissos e acomodados, não protagonizam ações para a transformação pessoal e social (CHALITA, 2008, p.89).

Entendemos, portanto, que muitos espectadores ficam indiferentes diante das situações de violência que presenciam, outros, porém, se incomodam, mas não to-

mam nenhuma atitude a favor da vítima por medo da vingança dos agressores ou por temerem ser a próxima vítima de ataques violentos. Essa comodidade pode tornar o espectador um indivíduo passivo e insensível aos problemas dos outros.

Algumas vezes os espectadores nem percebem que determinada situação pode estar fazendo alguém sofrer. Assim, não tomam nenhuma atitude a favor da vítima, como podemos perceber na história a seguir:

Luzia conta que seus filhos de 12 e 7 anos de idade não queriam mais ir à escola e não brincavam com nenhum colega. Mas a mãe só se deu conta de que havia algo errado quando as crianças a questionaram, perguntando se seriam mesmo seus filhos, visto que a mãe é branca e casada com um negro. Foi então que Luzia descobriu que seu caçula era chamado de Carvão pelos amigos. A professora, quando procurada pela mãe, disse que não havia muito que fazer em situações como aquela. E que as crianças estavam apenas brincando e, ainda, que em brincadeira de criança era bobagem intervir. Asseverou afinal que ninguém bateu em ninguém, que ninguém espancou ninguém e por isso não havia dor (CHALITA, 2008, p.90 – 91)

Nessa história percebemos que Luzia e seus filhos eram vítimas de *bullying*. A professora, por sua vez, era uma espectadora do caso, porém, ela ignorou o comportamento que os demais colegas tinham com os filhos de Luzia e considerou-os brincadeiras de criança. Triste brincadeira em que enquanto uns sorriem, outros choram por dentro. Pessoas como essa professora não compreendem que a dor não resulta somente das feridas do corpo, mas também da alma.

CAPÍTULO III

A importância do filtro afetivo nas relações do contexto escolar

Gabriel Chalita em seu livro “Pedagogia da amizade” enfatiza a importância da amizade nas relações familiares e escolares para o desenvolvimento eficiente da educação e do indivíduo como ser social.

Não é possível ser feliz sem amigos, nem viver sem amigos. Por isso a amizade faz parte da essência humana. No plano pedagógico, não é diferente. A pedagogia busca desenvolver o que o ser humano tem de melhor, e o que o ser humano tem de melhor é a amizade. A amizade com o outro, com ele mesmo, com a humanidade. [...] Os pais são os primeiros amigos. São aqueles que se oferecem para dar continuidade ao milagre da vida. São os que conduzem os primeiros sonhos do novo amigo (CHALITA, 2008, p.13)

Sabemos que a amizade começa em casa no convívio com os pais, que devem educar a criança e incentivá-la a cultivá-la. Nesse estudo, por nós desenvolvido, a amizade assume aspecto relevante e passamos a denominá-la de filtro afetivo, pois são nas relações de aproximação das pessoas que perpassa a problemática do *bullying*. O filtro afetivo deve iniciar desde cedo na educação familiar, pois mesmo com outros amigos, os pais jamais deverão deixar de ser os mais importantes amigos, os que estão sempre ao lado ensinando a dar os primeiros passos e ajudando a se levantar dos tombos, quando houver.

O amigo cuida. O amigo não humilha. O amigo tem compaixão. Ah, que sentimento nobre é a compaixão! A capacidade de se colocar no lugar do outro e sofrer a mesma dor que o acomete. Uma alma em dois corpos. É assim que deveria ser. O professor se colocar no lugar do aluno e vice-versa. Entre pais e filhos também. Entre amigos. (CHALITA, 2008, p. 14, 15)

Podemos dizer que a criança, em seu processo de formação pessoal, procura nas pessoas que estão próximas, modelos de comportamentos a seguir, sejam os pais ou o professor. Por isso, é tão importante que esses educadores deem bons exemplos de comportamento, que mostrem sensibilidade e compaixão diante do sofrimento do outro. E se for preciso chorar, que chore! Quem disse que adulto não tem sentimento?

A família deve acompanhar de perto o desenvolvimento da criança. Elogiar nas conquistas e segurar a sua mão nas derrotas, mostrando que é possível fazer melhor, e ser melhor a cada dia. A criança deve crescer com a esperança de que a

cada amanhecer será um novo dia, e que ela ainda tem o universo inteiro para descobrir. “Os professores continuam a tarefa de apresentar o conhecimento aos aprendizes. E com que dedicação e elegância o fazem” (CHALITA, 2008, p.14).

Quando a criança entra na escola, é um novo mundo para ela, cheio de curiosidades, expectativas e sonhos. A escola deve ser o lugar em que se soma à educação dos pais, criando novos horizontes e soltando a imaginação da criança, para superar suas expectativas. O professor deve orientar, incentivar e propiciar ambientes de interação e diálogo entre os alunos, afim de desenvolver entre eles laços de amizade.

Conforme Chalita (2008, p.14), o professor mostra aos alunos a importância da vida, do saber, da esperança que se renova a cada dia. No entanto, há aqueles que não querem, ou não conseguem compreender a essência da vida, o valor do novo dia, e se prendem à escuridão. Essa escuridão é o *bullying*, comportamento que agride a alma e que fere os sentimentos do indivíduo.

O bullying é a negação da amizade, do cuidado, do respeito. O agente agressor impiedosamente expõe o agredido às piores humilhações. Dos apelidos perversos às atitudes covardes de quem tem mais força física ou mais poder. O agredido dificilmente encontra coragem para se defender e permite que se fechem as cortinas. E quantos há que, com as cortinas fechadas, dão cabo à própria história. (CHALITA, 2008, p.14)

Nesse sentido, entendemos que o filtro afetivo tem grande valor e que a ausência dele torna o indivíduo perverso e impiedoso, capaz de ter comportamentos que ferem desde o corpo até a alma, podendo levar a vítima a decidir por não viver mais diante de tanto sofrimento e cometer suicídio.

Segundo Chalita (2008, p. 15) “ninguém tem o direito de se sentir superior ao outro. Não há cidadão de primeira ou de segunda categoria”. No contexto escolar podemos muitas vezes perceber que os professores sentem-se superiores aos alunos e se impõem com autoridade sobre eles, ou mesmo os alunos sentem-se superiores aos outros. Pensamos que quem agride, quem humilha, quem faz sofrer, certamente, considera-se superior ao outro, com o direito de agir sobre o outro, de maltratar.

De acordo com Chalita (2008, p. 18) “o ser humano é um animal social”, portanto, ele precisa estar em grupo para desenvolver suas aptidões. O desenvolvimento da pessoa como ser social começa na relação com a família, que dá a vida, que

acolhe, que acompanha a cada momento. Depois da família, vem a escola, descobrindo outras habilidades da criança e mostrando o sentido do mundo. Porém, atitudes impensadas tanto da família, como da escola, podem bloquear os meios para que a criança desenvolva sua autonomia.

Há pais que, desde o início, adotam uma postura de apatia com o filho ou, no outro extremo, de presença sufocante, prontos para intervir diante da menor queda. Há professores que agem do mesmo modo. Há aqueles que, nos primeiros contatos, se colocam como solucionadores de qualquer angústia infantil e aqueles que preferem uma postura mais distanciada, acreditando que é uma atitude profissional (CHALITA, 2008, p. 18).

Os pais e professores precisam estar presentes na vida da criança, porém, precisam saber até que ponto a presença é necessária. Eles devem dar liberdade para que a criança comece a encontrar, por si mesma, maneiras para resolver as pequenas dificuldades senão ela sempre será dependente dos outros e não terá possibilidade de desenvolver sua autonomia.

Nesse aspecto, Chalita (2008, p. 19) enfatiza que muitos pais “erram por ignorância”, ou seja, erram acreditando que estão fazendo somente o bem para o filho. São pais que têm medo de não corresponder às expectativas da criança, ou que a criança seja diferente do que desejam que ela seja, ou que a criança tenha comportamento diferente das demais crianças, porém,

O comportamento de uma criança não é necessariamente igual ao de outras, e nem por isso ela pode ser considerado inepta, incapaz de aprender. O tempo de aprendizagem não é o mesmo para todos – não há pessoas iguais. (CHALITA, 2008, p.19)

De acordo com Chalita (2008, p.20), os comportamentos, as habilidades, as dificuldades de aprendizagem devem ser respeitadas. Os pais e professores devem cuidar com a forma como falam com a criança sobre essas diferenças pessoais, para não magoá-la e para não atrapalhar seu desenvolvimento pessoal. As comparações feitas com as demais crianças, em que o educador a inferioriza e a considera mais fraca que as outras, vão agredindo a alma e deixando-a mais frágil.

Como não encontram forças para se defender e temem dizer isso aos pais, quando agredidos física ou moralmente na escola, preferem o universo doloroso do silêncio. E, assim, o *bullying* vai nascendo. Os mais fortes humilham os mais fracos, que não têm espaço para revidar nem para revelar a dor que sentem na alma (CHALITA, 2008, p.21).

Nesse sentido, entendemos que os agressores tendem a se aproveitar da fraqueza da criança agredida, humilhando-a e maltratando-a mais a cada dia. A vítima tem seus sentimentos fortemente abalados e não sabe reagir. Os pais, como não entendem, e não sabem o que está acontecendo continuam a inferiorizar a criança, que permanece em silêncio. Nesse emaranhado de acontecimentos, o *bullying* invade e se apossa da alma agredida.

No que se refere à amizade, Chalita (2008, p. 21) afirma que “[...] precisam de amizade os fracos e os fortes, até porque o conceito de fraqueza e de força é relativo”. Assim, podemos dizer que ninguém é tão forte que nunca tenha sentido a falta de um carinho, nem tão fraco que nunca tenha estendido uma mão. Todo ser humano precisa de amizade.

A amizade protege quando compreende. Os sonhos do mundo estão aí. Podem ser sonhados ou desprezados. Ao educador compete essa viagem tênue pela dor e pelo amor. Pelo olhar cúmplice, que é capaz de dar sentido ao que parecia perdido. O educador não desiste diante da aparente impossibilidade do educando de aprender ou diante da apatia ou de outro elemento adverso. O educador não desiste porque, acima de tudo, é amigo. É a amizade que impulsiona o caminhar juntos. Naturalmente, o educador é um amigo mais experiente, é referencial, mas é sempre amigo. Pequenos gestos se convertem em grandes ensinamentos. E um pouco de que semeiam os educadores sempre fica, principalmente o que toca a alma. (CHALITA, 2008, p. 45)

Dessa forma, entendemos que o maior ensinamento que o educador pode dar é a amizade. Não como se ensina a Língua Portuguesa ou a Literatura. Ensina-se a amizade a partir dos pequenos gestos de forma espontânea. A cada palavra de conforto num momento de aflição. A cada abraço sincero num momento de medo. Assim nasce a amizade. E o educador – seja ele o pai, a mãe ou o professor – se tornará alguém que fez a diferença na vida da criança. Alguém que sempre será lembrado de forma especial. A cada doação que se faz com amor, muito se recebe em troca. Não se trata de coisas materiais – que o dinheiro pode comprar – e sim, algo muito mais valioso: os sentimentos. O educador que ensina o educando a trilhar os caminhos que levam à amizade alarga o seu próprio caminho. Um bom amigo não desiste do outro, ele é persistente, forte, compreensivo e fiel.

Consideramos importante acrescentar os fatores determinantes do fenômeno *bullying*, conforme dispostos a seguir:

3.1 - Fatores determinantes do comportamento *bullying*

Fante (2005, p. 168) apresenta os fatores determinantes do comportamento *bullying* que ocorrem no contexto escolar. Esses comportamentos tornaram-se um fenômeno social muito complexo que pode atingir todas as faixas etárias de alunos em escolas de todo o mundo.

3.1.1 - Fatores externos ao contexto escolar

O primeiro fator determinante apresentado por Fante (2005, p.169 – 170) é o contexto social a que o indivíduo pertence. Os problemas existentes na sociedade, como a desigualdade social, contribuem para “um ambiente de agressividade, delinquência e atitudes antissociais”. O motivo da violência origina-se, em parte, do desemprego, que gera a exclusão do indivíduo na sociedade. Assim, a exclusão social, da criança ou do jovem é um dos contribuintes para a violência, porque, ao ser excluído da sociedade, o caminho mais propício que o jovem encontra é a violência, como uma maneira de se fazer pertencer ao contexto social.

Conforme Fante (2005, p. 170), o segundo fator determinante são os meios de comunicação, por apresentarem um crescente índice de influência na vida das pessoas. “Os meios de comunicação, em especial o televisivo, vêm sendo questionado por contribuir para o aumento da agressividade, principalmente entre as crianças”. A televisão tem uma forte relação com a formação da identidade e do comportamento de crianças, jovens e adultos. Comportamentos agressivos e destrutivos são apresentados em filmes, jogos de videogame e de computador, mostrando a violência como algo comum, onde os violentos são sempre os vitoriosos. Crianças e jovens veem nesses comportamentos a forma de resolver conflitos, ao invés de buscar resolvê-los por meio do diálogo.

Dessa forma, podemos entender que os meios de comunicação, que deveriam apresentar essencialmente programas educativos, voltados para o bem da sociedade, muitas vezes, estão contribuindo para a formação de uma sociedade violenta. A influência desses meios pode interferir negativamente na vida das pessoas, comprometendo sua identidade pessoal.

O terceiro fator determinante, de acordo com Fante (2005, p. 173), é a família. O aluno que tem como modelo educativo familiar comportamentos agressivos e violentos tendem a reproduzir esses comportamentos na escola com outros alunos.

É no ambiente familiar que a criança aprende ou deveria aprender a relacionar-se com as pessoas, respeitar e valorizar as diferenças individuais, desenvolver a empatia e adotar métodos não-violentos de lidar com seus próprios sentimentos e emoções e com os conflitos surgidos nas relações interpessoais. Portanto, é nesse contexto que a criança deveria aprender a criar mecanismos de defesa e de auto-superação e desenvolver atitudes e valores humanistas que a estruturam psicologicamente e norteiem seu desenvolvimento social (FANTE, 2005, p. 174)

Porém, nem sempre a criança encontra esses valores no contexto familiar. Muitas crianças convivem em um ambiente familiar em que predomina a agressividade; os pais tratam os filhos com indiferença; não oferecem a atenção mínima necessária. Essas atitudes vão marcando a vida dessas crianças, que poderão descontar nos colegas o seu sofrimento.

Segundo Fante (2005, p.174 e 175), pelo fato de a família ser o “modelo primeiro de socialização, ela deveria constituir um modelo positivo”, porque a criança registra desde as primeiras experiências emocionais vividas na relação com os pais. Essas experiências são “modelos de identificação” da criança, que veem os pais como um modelo a seguir. Porém, se esses “modelos de identificação” são negativos, eles poderão desencadear na criança comportamentos agressivos ou violentos, e comprometer a sua formação social e educacional.

Conforme Fante (2005, p. 176 – 177), a desestruturação familiar – seja pela falta de um dos genitores ou pelo pouco relacionamento afetivo entre seus membros – e a falta de tempo para o convívio com os filhos, também podem contribuir para o desenvolvimento de condutas agressivas. Muitos pais adotam comportamento agressivo com os filhos por meio da “violência física (bater, beliscar, empurrar) e pela violência psicológica (xingar, humilhar, agredir com palavras, desfazer, comparar, caçoar”).

Dentre as formas de violência existentes no ambiente familiar, Fante (2005, p.178) afirma que a violência psicológica é a que ocorre com maior frequência. Essa forma de violência “compromete a estrutura psíquica da criança, uma vez que esta se sente desvalorizada, desprotegida, não-aceita e não-amada, percebendo-se rejeitada por aqueles que são significativos em sua vida” (FANTE, 2005, p.179).

Entendemos que a família tem grande influência no comportamento dos filhos. Crianças que sofrem violência familiar têm maior possibilidade de se tornarem reprodutores dessa violência no ambiente escolar, adotando condutas agressivas para com os outros alunos. Há, porém, crianças que não adotam essas condutas, pelo contrário, elas reprimem o sofrimento que sentem, ficando fragilizadas e sensíveis. Essas crianças têm forte tendência a se tornarem vítimas dos comportamentos agressivos, por não possuírem habilidades para se defender.

3.1.2 - Fatores internos ao contexto escolar

O clima escolar pode favorecer o desenvolvimento do comportamento *bullying*. De acordo com Fante (2005, p.185), muitas vezes a escola não respeita as diferenças existentes em cada pessoa, tratando todas como se fossem iguais, sem considerar que existem necessidades e características particulares de cada indivíduo. Podemos perceber esse fato quando, por exemplo, o professor usa uma metodologia de ensino que não condiz com o nível e expectativas de aprendizagem de todos os alunos, quando beneficia mais um aluno que o outro, ou pela maneira como a escola trata os conflitos interpessoais.

Conforme Fante (2005, p. 187), a escola deve ser um ambiente agradável para os alunos, em que eles sintam prazer em fazer parte dela, caso contrário, os alunos poderão desenvolver sentimentos que vão da indiferença à agressividade e violência, pelo fato de eles se sentirem aborrecidos, insatisfeitos, enfim, entediados com a escola.

Para comprovarmos tal manifestação, realizamos em 2000 uma amostra com alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental e de 1ª a 3ª séries do ensino médio de rede particular de ensino, em uma escola no interior do Estado de São Paulo. Os resultados constataram que cerca de 80% dos alunos se sentiam entediados na escola. Os principais motivos alegados pela maioria dos alunos estão relacionados a aspectos diversos: falta de perspectiva de uma vida melhor via educação, além do autoritarismo que a escola insiste em impor aos alunos; agressividade e falta de clareza dos professores; aulas monótonas; obrigatoriedade de permanecer muito tempo sentado e de forma desconfortável; obrigatoriedade de assistência às aulas; ausência de regras claras e não-participação em sua elaboração; indisciplina; perturbação e violência de certos companheiros (FANTE, 2005, p.187 – 188).

Dessa forma, entendemos que muitos alunos não veem perspectivas positivas na escola, esta que, por sua vez, não estimula o aluno a se interessar pela a-

prendizagem. Professores que adotam condutas agressivas para com os alunos estão ensinando a pior maneira de ação. O professor não deve adotar essa postura, pois ele é o exemplo para seus alunos. A falta de interesse do aluno em relação à escola, devido à forma como o aluno se sente e é tratado no ambiente escolar pode fazer com que desencadeiem sentimentos de depressão, violência e agressividade contra toda a comunidade escolar.

De acordo com Fante (2005, p. 190), as relações interpessoais são fundamentais para uma agradável convivência escolar. Para que o aluno se adapte e tenha um bom desenvolvimento escolar, ele precisa, primeiramente, se relacionar bem com os professores e com os outros alunos. No entanto, o autor enfatiza que

Quando essas relações não são adequadas, como ocorre com crianças discriminadas ou ignoradas, a escola se transforma em fonte de estresse e inadaptação, resultando em conflitos interpessoais e em diversas formas de violência, comprometendo a qualidade do ensino-aprendizagem (FANTE, 2005, p.190)

Podemos entender que o tipo de relacionamento que o aluno tem com a escola, pode estar ligado ao seu desenvolvimento, tanto educacional quanto social. As relações e situações comuns ao aluno, positivas ou negativas, ficarão registradas em sua memória, podendo interferir em sua formação individual.

Por intermédio de Fante (2005, p. 197) verificamos que a relação professor-aluno é um possível fator determinante do comportamento *bullying*. Ao entrar em contato com uma nova turma, o professor procura estabelecer os critérios que julga importantes para a boa relação com o grupo. Desta forma, muitos alunos também estabelecem os critérios pertinentes a eles. A relação professor-aluno surge a partir desses critérios estabelecidos entre ambos.

Nesse sentido entendemos que quando os alunos correspondem aos critérios propostos pelo professor e vice-versa, a relação professor-aluno tende a ser benéfica para ambos. No entanto, muitas vezes professor ou alunos tornam-se invasivos ou abusadores na relação com o outro, podendo assim, gerar interações desagradáveis para a convivência em sala de aula.

Conforme Fante (2005, p. 198), o professor enfrenta grandes desafios. Um deles é manter a ordem da classe e conseguir estimular seus alunos a novos conhe-

cimentos. O professor deve tornar o ambiente escolar mais livre, agradável e afetivo, para que os alunos desenvolvam naturalmente o interesse pela aprendizagem.

Segundo Fante (2005, p. 199) o professor deve estabelecer uma relação de liberdade e cordialidade com os alunos, para a melhor convivência do grupo dentro de uma relação de amizade entre professor-aluno, para que a aprendizagem seja eficiente e significativa. No entanto muitos profissionais da educação não adotam esses modelos educativos mais livres por medo de não terem sucesso, e perder o controle da turma. Assim, ficam na mesmice, com aulas tradicionais, monótonas e desmotivadoras, sendo que muitas escolas já dispõem de diversos meios tecnológicos para tornarem as aulas mais interessantes, motivadoras e dinâmicas.

Diante do fato de os professores não motivarem os alunos à aprendizagem, entendemos que muitas vezes os alunos acabam por não terem uma boa relação com o professor e, para mostrar sua insatisfação, optam por adotar comportamentos que atrapalham a ordem da sala de aula. Esses comportamentos podem ser dos mais simples aos mais complexos, chegando a casos sérios de *bullying*.

O *bullying* é um problema bastante sério que permeia o ambiente escolar e afeta significativamente a vida dos envolvidos. A escola e a comunidade escolar precisam interferir nessa realidade, promovendo, entre os alunos, espaços para que eles desenvolvam a prática da amizade. Incentivar os alunos a realizar atividades criativas e divertidas, onde todos participem e se sintam valorizados.

A família deve criar um ambiente participativo, em que seus membros possam desenvolver suas habilidades. Quando a criança tem boas relações familiares, ela tem mais facilidade em ter boas relações sociais. A família precisa ser unida e aberta ao diálogo, onde cada um sinta-se à vontade para expor suas aspirações e medos. Os pais precisam prestar atenção aos comportamentos dos filhos. Uma mudança repentina de comportamento pode significar muito: a criança que resiste em ir para a escola; que diminui o rendimento escolar; que se torna triste, depressiva ou angustiada; que apresenta comportamentos agressivos, ela pode estar envolvida no comportamento *bullying*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo constatamos que o fenômeno *bullying* está presente na maioria das escolas atingindo alunos de todas as idades. O fenômeno tem chamado a atenção dos estudiosos devido às dimensões que ele pode tomar.

O *bullying* ocorre em uma relação desigual de poder, onde o mais forte sente-se superior ao mais fraco. O agressor age continuamente sobre suas vítimas com a intenção de humilhar, maltratar, fazer sofrer, seja por meio de agressões físicas ou por meio de apelidos, insultos, ofensas.

Os casos de *bullying* tornam-se mais difíceis de serem identificados porque as vítimas, normalmente, não comentam com ninguém sobre as agressões. Às vezes por medo dos agressores, outras, para não serem considerados como fracas. Os agressores aproveitam o silêncio de suas vítimas e do medo dos espectadores de se tornarem próximas vítimas, e continuam suas agressões.

O fenômeno pode trazer consequências tanto físicas, quanto psicológicas para as vítimas. Ele afeta principalmente o emocional da criança, interferindo negativamente no seu processo de aprendizagem escolar e deixando marcas na sua vida, que poderão comprometer a infância e a fase adulta. Existem casos em que a vítima entra em extrema depressão e não encontra outra saída, então, ela decide pela vingança contra o agressor ou o suicídio. Quanto ao agressor, muitos deles tornam-se adultos antissociais e violentos.

Por isso é muito importante que os profissionais da educação tenham conhecimento desse fenômeno para identificar os casos existentes no contexto escolar e junto com a comunidade escolar buscar soluções para prevenir e reduzir o *bullying* em seu meio. Todos juntos devem trabalhar pela construção de uma sociedade mais justa e solidária, sem preconceitos, egoísmo e violência.

RECOMENDAÇÕES

Diante das constatações as quais chegamos, por meio das pesquisas, consideramos importante deixar algumas recomendações para a realização de novas pesquisas sobre o *bullying* no contexto escolar. O tema tem grande relevância a ser estudado, não só por que envolve a escola, mas porque esse fenômeno se reflete em toda a sociedade.

Os dados empíricos mostram que todas as escolas estão sujeitas a ter casos de *bullying* entre seus alunos, no entanto, muitos profissionais da educação negam a existência dessa prática em seu contexto. Assim, uma pesquisa de campo com alunos, professores e familiares, poderia retratar melhor essa realidade e mostrar os índices de ocorrência de *bullying* no contexto escolar. Também é relevante buscar soluções eficazes para a prevenção e o combate desses comportamentos.

REFERÊNCIAS

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade - *Bullying***: o sofrimento das vítimas e dos agressores. 1 ed., São Paulo: Gente, 2008.

FANTE, Cleo. **Fenômeno *bullying***: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2 ed., Campinas: Verus, 2005.

LOPES, Neto A. A. ***Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes**. *Journal Pediatría*. Rio de Janeiro, 2005, p. 81-5. ISSN:S164- S172. Disponível em: < www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf >. Acesso em 21/05/2010.

MONROE, Camila. **Pau. Pedra. É o fim?** *Nova Escola*, São Paulo, XXV(235): 96-9, set. 2010.

SANTOMAURO, Beatriz. **Violência virtual**. *Nova Escola*, São Paulo, XXV(233): 67-73, jun./jul. 2010.

WEBER, Solange R. **Curso de Pós-Graduação Letramento e Alfabetização**. As diversas linguagens da educação inclusiva. Juína, 2010, 9 – 29.